



## DIVINA ENTRE AS MULHERES<sup>1</sup>: HELENA DE TRÓIA E A MULHER DO BRONZE RECENTE (1580-1100 a.C)<sup>2</sup>

Marina Pereira Outeiro<sup>3</sup>

### Resumo:

O presente artigo visa discorrer sobre Helena de Tróia, a rainha da Esparta personagem dos poemas épicos de Homero, na tentativa de atingir a mulher histórica que serviu de base para a mulher da poesia. Para tanto, realizou-se leitura e fichamento de textos literários clássicos e literatura pertinente ao campo histórico. Na primeira parte dissertamos a cerca da presença de Helena no relato histórico geral e as dificuldades em atingi-la de maneira objetiva através do mesmo. Na segunda parte, procura-se determinar possíveis paralelos entre a rainha de Esparta e a mulheres aristocráticas do Bronze Recente para, finalmente, discorreremos sobre sua famosa traição com todas as suas implicações sociais e políticas.

**Palavras-Chave:** História. Literatura. Mulher. Helena.

### 1. Introdução: Helena e a História

Em 1885 o pintor inglês Edwin Long concluiu certa tela intitulada *As cinco escolhidas* na qual dava cores a cena<sup>4</sup> em que Zeuxis, conhecido pintor do século V a.C preparava-se para pintar um retrato de Helena de Tróia para o templo de Hera, em Agrigento na Sicília: para tanto o artista solicitara as cinco mais belas jovens da região para servirem de modelo, pois acreditava que a soma da beleza delas poderia aproximar-se da de Helena.

Long materializou a busca por aquela que é conhecida há milênios como um símbolo de beleza e também como advertência sobre as terríveis conseqüências que a beleza é capaz de trazer - pelos seus belos olhos de morte, os homens não acabaram ainda de se matar nem ainda as cidades de arder (EURÍPEDES, 1973, p. 76).

Contudo, apesar de Helena ser lembrada devido à pátina da beleza, é muito mais que um rosto belo: representa também algo tão poderoso, tão complexo e carismático, que o maior escritor do mundo antigo compôs uma obra-prima épica na qual ela é a personagem central (HUGHES, 2009, p.45). Isto porque a *Ilíada*, poema escrito no início do século VIII a.C. que narra os feitos de gregos aqueus e troianos combatendo pela posse de Helena

<sup>1</sup> (HOMERO, 1961, Livro III, p.67)

<sup>2</sup> A Idade do Bronze é um período no qual ocorre o desenvolvimento desta liga metálica, resultante da mistura de cobre com estanho. Conforme Brandão (1986, p.44) o Bronze Recente, Heládico Recente ou Período Micênico é um período que compreende os anos de 1580-1100 a.C.

<sup>3</sup> Graduada em História (Licenciatura Plena) pela Faculdade Porto Alegrense (FAPA). Email: marina\_outeiro@hotmail.com.

<sup>4</sup> Conforme Hughes (2009, p. 466) a história é contada por Cícero, Da Invenção, 2.-1-3, e Plínio, o Velho, Historia natural 35.64-6. Cícero ambienta a história em Croton e Plínio, em Agrigento.

A *Ilíada* de Homero - primeira grande conquista do povo grego: conquista da poesia – é o poema do homem na guerra, dos homens consagrados à guerra por suas paixões em pelos deuses. [...] Ali fala da coragem dos heróis que matam e morrem com simplicidade, do sacrifício voluntário dos defensores da pátria, da dor das mulheres, do adeus do pai ao filho que o continuará, da suplica dos velhos. (BONNARD, s/d, p. 37)

Helena torna-se parte central de tal confronto de idéias porque ela mesma é um paradoxo: rainha deslumbrante e infiel, duplamente destruidora de lares e causadora de décadas de sofrimento, ela mesma escapa ilesa de qualquer mal<sup>5</sup>. Conforme Hughes (2009, p. 52), Helena causa ao mesmo tempo desconcerto e enlevo a História, e que não obstante sermos capazes de rastrear quase três milênios de atitudes ambíguas em relação a ela, ainda é difícil categorizá-la

[...] podemos concluir ter sido ela uma alma contraditória. Não era pessoa sibilina nem espírito vulgar. Não se pode chamá-la devassa, tampouco virtuosa. Não era sábia, mas nada tinha de obtusa. Embora passasse por muitos momentos de fragilidade e de culpa, imediatamente se recompunha para afirmar a sua independência. Submetida às leis dos homens, criava e afirmava seus direitos de mulher. Daí ser difícil, senão impossível, contê-la em uma definição suscita e coerente. (SOUZA, 2001, p. 181)

Tanto na *Ilíada* como na *Odisséia* as aparições de Helena são discretas e eventuais, mas quando a rainha de Esparta surge, tem o poder de deflagrar a um acontecimento tal como em sua primeira participação no primeiro poema

Quando viram chegar Helena, trocaram a meia voz estas palavras aladas: “Não me admira que Troianos e Aqueus de formosas grevas tenham, por tal mulher, padecido tanto tempo. Espantoso é de ver como seu rosto semelha o rosto dos imortais. Entretanto, a despeito de sua beleza, melhor fora que tornasse aos navios e não continuasse aqui, flagelo para nós e, ao depois, para nossos filhos. (HOMERO, 1961, p.65)

Na *Ilíada* Helena queixava-se, pois fora-lhe talhado por Zeus um ruim destino, a fim de que, depois fosse assunto de poema para os homens que haveriam de nascer<sup>6</sup>. E de fato, a rainha de Esparta foi amplamente cantada: conforme ensina Michelle Perrot (1995, p.13) até o século XIX a presença das mulheres no relato histórico foi exígua, exceto aquelas aparecem por sua beleza, virtude ou heroísmo, ou pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas ou nocivas. A paradoxal Helena materializa a afirmação de Perrot afinal, a rainha espartana faz parte da história escrita, tanto por sua beleza como por suas ações nocivas, sendo uma das poucas personalidades femininas que atravessaram Antiguidade<sup>7</sup>.

O retrato mais conhecido de Helena é o da resplandecente beldade que vem dos poemas épicos - a Helena de Homero, uma princesa espartana de ascendência divina, que

<sup>5</sup> Ver *As Troianas* de Eurípedes.

<sup>6</sup>(HOMERO, 1961, Livro VI, p. 120)

<sup>7</sup>Segundo HUGHES (2009, p. 466) a outra seria Cleópatra. A autora ainda ressalta a existência de paralelos entre atração de ambas.

heróis gregos disputaram e que foi conquistada pela riqueza de Menelau. A rainha que estimulada por Afrodite, deusa do amor, recebeu em seu leito um jovem príncipe troiano enquanto o marido estava ausente; a aristocrata obstinada que voltou às costas aos gregos e fugiu para Tróia odiada por todos, e, exilada, viu heróis perecerem em seu nome.

Também há a adúltera descrita por Ésquilo<sup>8</sup> e Eurípedes<sup>9</sup>, que mesmo após dez anos de tristeza, sofrimento e infelicidade em Tróia era ainda tão atraente que seu marido traído não teve ânimo para matá-la. A figura enigmática que retornou para Esparta enquanto o corpo de Páris jazia insepulto nas planícies troianas, buscando a filha e o leito que deixara. E obviamente há a mulher indigna, a oportunista<sup>10</sup>, a mulher de olhos de cadela<sup>11</sup> e a cadela traidora<sup>12</sup>, a mais detestada das mulheres<sup>13</sup>, uma força que trazia em si morte e desgraça.

Entre todas as imagens produzidas de Helena realmente podem revelar quem ela foi, ou apenas revelam como os homens queriam que ela fosse? Em que medida seria possível atingir a Helena humana, a princesa de finais da Idade do Bronze, real que viveu e amou?

Penso que as três encarnações – princesa, deusa e prostituta – tenham tido origem em uma Helena da Idade do Bronze, e que o modelo para a Helena de Tróia tenha sido uma das ricas rainhas espartanas que viveram e morreram na Grécia continental do século XIII a.C., uma mulher que dormia à noite e despertava ao raiar do dia [...] uma mulher tão bem-dotada, tão venerada tão poderosa que parecia estar na companhia dos deuses. Uma mortal que ao longo dos séculos se tornou maior do que a vida. (HUGHES, 2009, p. 53-54)

Estes três aspectos tornam-se plausíveis na medida em que estudos em curso evidenciam que as mulheres eram proeminentes e importantes nas sociedades do Bronze recente, não só enquanto moeda diplomática, mas que também desfrutavam de prestígio social em face de sua conexão com o sagrado conforme atesta a civilização cretense<sup>14</sup>

[...] a mulher participa de todas as atividades da 'pólis': trabalha, caça, é toureira, diverte-se, ocupa o lugar de honra nos espetáculos públicos, aliás, maravilhosamente bem vestida, enfim tem e exerce direitos iguais aos dos homens... Religiosamente, a supremacia da mulher cretense é inegável e óbvia; ela é a sacerdotisa [...]. Afinal, a augusta divindade de Creta é a Grande Mãe... [...]. Na ilha de Minos a mulher não governava, mas reinava (BRANDÃO, 1993, p. 60)

Como Hughes, acreditamos que a rainha Helena de Tróia fosse muito mais do que uma mulher com aparência deslumbrante e uma possível ascendência divina: ela foi uma

<sup>8</sup>Conforme Brandão (1986, p. 29) Ésquilo (525-456 a.C.) é o pai da tragédia.

<sup>9</sup>Conforme SARTRE (1973, p.115), Eurípedes foi um escritor trágico natural de Atenas que teria vivido entre 481-546 a.C. Das 92 obras dramáticas que se calcula ter produzido, conhecem-se 19, incluindo o drama satírico *Cíclope*.

<sup>10</sup>(SARTRE, 1973, p.81 e 87).

<sup>11</sup>(EURIPEDES, s/d, p. 23)

<sup>12</sup>(HOMERO, ?/1961, Livro III, p. 66)

<sup>13</sup>(EURIPEDES, ?/2009, p.17)

<sup>14</sup>Também conhecida como minóica, localizada na Ilha de Creta, a maior das ilhas do mar Egeu. Centralizava o comércio do Mediterrâneo oriental, base de sua economia. Conforme Hughes (2009, p. 62) foi contemporânea da civilização micenense, que aparece, inicialmente por volta de 1700 a.C, centrada na Grécia continental. Finley (1968, p. 19) sustenta que entre 2000 e 1400 a.C, Creta vivenciou uma Idade de Ouro, quando era muito mais rica, poderosa ou civilizada do que qualquer outra área.

rainha habilidosa que soube impor sua vontade em um mundo dominado pela figura masculina – em tal contexto, Helena torna-se uma possibilidade histórica

Até que descobramos uma necrópole da Idade do Bronze tardia em Esparta que contenha um esqueleto com quantidade suficiente de DNA não contaminado, ao lado de um rei grego, e ambos os cadáveres estejam vestidos de ouro troiano, num local rodeado por dedicatórias marcadas como “*eleni*” em caracteres da Idade do Bronze, nesse caso, e somente então, poderemos afirmar categoricamente que encontramos nossa Helena humana. (HUGHES, 2009, p. 55)

Ainda não podemos afirmar com certeza se Helena foi uma invenção, uma mera construção artística originalmente construída pela mente pré-histórica – para o historiador a rainha de Esparta ainda assemelha-se a uma imagem viva formada de bruma<sup>15</sup> que pode desvanecer a qualquer momento. Contudo, por certo existiu uma mulher histórica que serviu de base para rainha dos poemas épicos – uma mulher pré-histórica que teria vivido na Grécia Continental por volta de 1200 a.C.

Mesmo que a Helena de Homero, a mulher de ascendência divina ainda escape ao historiador, mesmo que ainda não seja possível encontrá-la de maneira histórica não significa que os relatos literários ou poéticos necessitem ser totalmente descartados.

Roger Chartier (1989, p. 01) afirma que no final do século XX verificou-se uma “crise geral das ciências sociais” que, mesmo sem afetar diretamente o domínio da História, segundo o autor, promoveu um declínio radical das teorias e saberes sobre os quais a história tinha fundamentado seus avanços nas décadas de sessenta e setenta do citado século (Op. Cit, 1989, p. 02).

Com o surgimento da Nova História, corrente metodológica que com sua nova forma de pensar a História, impulsionou a conceituação rompendo com o paradigma postulado por seu modelo antecessor – principalmente no relativo ao tratamento dado as fontes, que agora não somente foram expandidas, mas também ganharam novos instrumentos de análise

Daí as tentativas para decifrar de outro modo as sociedades, penetrando nas meadas das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, importante ou obscuro, um relato de vida, uma rede de práticas específicas) e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles. (CHARTIER, 1989, p. 06).

A idéia de representação desponta na História Cultural uma vez que essa tem como objeto fundamental a verificação da forma através da qual, em distintos lugares e momentos, uma realidade social é estabelecida, refletida e lida. O texto literário recebe uma “nova” finalidade no campo da História, graças ao conceito de representação, que permite-nos visualizar a sociedade do período retratado

---

<sup>15</sup> (SARTRE, 2009, p.16).

A categoria de representação tornou-se central para as análises da nova história cultural, que busca resgatar o modo como, através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, construindo um sistema de idéias e imagens de representação coletiva e se atribuindo uma identidade. (PESAVENTO, 1995 p.116)

Quando empreendemos o exame das obras literárias buscamos atingir nossos antepassados, conhecer suas formas de pensar, sentir e perceber o mundo a sua volta a partir de suas próprias leituras de sua realidade.

É com tal intuito que o presente artigo, através da análise de Helena de Tróia busca compreender o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade grega do Bronze recente. Tal como Plutarco<sup>16</sup> não compartilhamos da mesma opinião que Tucídides<sup>17</sup>, que afirmava que a melhor das mulheres é aquela que as pessoas de fora menos falam, quer digam mal, quer digam bem e através dos relatos feitos sobre Helena de Tróia, buscamos conhecer mais sobre as mulheres do Bronze Recente – das quais ainda pouco fala-se.

### **2.1. Helena é meu nome<sup>18</sup>: Considerações sobre uma princesa do Bronze Recente**

Homero revela-nos nos primeiros cantos da *Ilíada*<sup>19</sup> que Helena é filha de Zeus, o mais poderoso deus do panteão grego e a própria rainha de Esparta queixa-se do destino que foi-lhe imposto pelo senhor da égide<sup>20</sup> sem, todavia, fazer referência a qualquer grau de parentesco entre ambos. Contudo, é Eurípedes quem dá maiores informações sobre a ascendência de Helena

Quanto a mim, a minha terra pátria não é desconhecida, Esparta e o meu pai Tíndaro. Mas conta uma tradição que Zeus voou para a minha mãe Leda, sob a forma de ave, um cisne. Este, por meio de dolo obteve os seus favores: fugir a perseguição de uma águia se é verdadeira a história. (EURIPEDES, ?/2009, p. 16)

Já em sua concepção, Helena está envolvida em violência e sexo. Leda era muito famosa por sua beleza e acabara de torna-se esposa de Tíndaro, rei de Esparta. Um dia, quando banhava-se as margens do rio Eurotas, que banha a planícies espartana, Zeus viu a jovem rainha e decidiu possuía-la, transformando-se em cisne, que fingindo-se perseguido por uma águia, refugiou-se junto da jovem rainha, que o acolheu em seus braços. Na tragédia *Helena*, o coro lamenta este momento

---

<sup>16</sup> (PATEL in DUBY & PERROT, 1990,p. 19)

<sup>17</sup> Conforme Cartledge (2002, p. 32) Tucídides foi sucessor imediato e rival de Heródoto, considerado o “pai da História”.

<sup>18</sup>(SARTRE, 2009, p. 15). Nesta tragédia, Eurípedes procura inocentar Helena: ela não seria a responsável pela guerra de Tróia, pois a deusa Hera teria enviado um “duplo” seu para junto de Páris, que convencido de estar na posse da verdadeira Helena, levou-a para Tróia.

<sup>19</sup> No Livro III, p. 66, Helena é chamada de filha de Zeus.

<sup>20</sup> Segundo Brandão (1986, p.332) égide é o escudo de Zeus, coberto com o couro da cabra Amaltéia, que lhe servia de arma ofensiva e defensiva.

Ai, ai! É divindade cheia de lamentos, a tua sorte, mulher. Vida infortunada te destinou te destinou a sorte, quando em tua mãe te gerou, sob a alva cor do cisne, Zeus que fendia o ar. E quantas desgraças te aconteceram! E quantas desgraças te aconteceram! Quanta desfortuna ao longo da vida! (Op. Cit, 2009, p. 25)

Após a violação, Leda teria posto ovos<sup>21</sup>. Segundo a tradição, a rainha estaria grávida do marido naquela ocasião e Helena teria compartilhado o ventre de sua mãe com a linhagem de Tíndaro<sup>22</sup>. Assim, na epopéia homérica, tinha por pai "humano" a Tíndaro e por irmãos os Dióscuros, Castor e Pólux, e uma irmã, Clitemnestra (BRANDÃO, 1987, p. 112).

Naturalmente não podemos dar crédito às histórias sobre a concepção animalesca de Helena tal como os antigos que facilmente aceitavam que suas qualidades divinas eram oriundas de uma ave, pois essas estavam associadas ao sagrado sendo consideradas mensageiras dos deuses<sup>23</sup>. Atribuir a Helena uma gestação aviária poderia justificar sua delicada beleza? Por certo uma pele alva era muito apreciada entre os antigos como o próprio Homero demonstra: Helena possui níveos braços<sup>24</sup>, assim como Andrômaca<sup>25</sup> e igualmente Hera<sup>26</sup>, a esposa de Zeus é assim caracterizada

A palidez de Helena foi considerada parte importante de sua atração. Ter a pele branca era sem duvida um sinal de suprema beleza no tempo em que Homero compôs suas epopéias e, muito provavelmente, também na Idade do Bronze tardia. As deusas freqüentemente eram descritas como "de braços alvos" e "rosto pálido". Fragmentos de afrescos micenenses representando mulheres nobres sempre as mostram com membros e rosto cor de giz. (HUGHES, 2009, p. 68-69).

Mesmo que a beleza de Helena fosse devida a uma possível partenidade divina, Tíndaro rei de Esparta foi seu pai, e isto rendeu-lhe a condição de princesa em um rico reino micênico da Lacônia

Seu quinhão de honra, aos hóspedes oferta, que ao regalado prato as mãos estendem. Refeitos já, Telêmaco ao Nestório inclinou-se em voz baixa: "Considera, amigo da minha alma, como ecoa e esplende a sala, em bronze, em prata, em ouro, em electro e marfim! Do interno Olimpo é tal o adorno imenso: espanta olhá-lo. (HOMERO, ?/2009, Livro IV, p.44 )

Apesar de Telêmaco<sup>27</sup> descrever de maneira admirada o opulento palácio em que viviam Helena e Menelau, arqueólogos tem procurado complexos de palácio micenenses soterrados abaixo da Esparta dos dias de hoje, mas nada encontraram até agora (HUGHES, 2009, p. 73). Contudo, a cidadela de Micenas localizada na planície de Argos, pode auxiliar-

---

<sup>21</sup> Op. Cit, 2009, p. 26

<sup>22</sup> Segundo Hughes (2009, p. 469) tal linhagem, apesar da paternidade, acabou por nascer de ovos.

<sup>23</sup> Conforme, Brandão (1987, p. 15) observar o vôo das aves poderia revelar um bom ou mau presságio.

<sup>24</sup> HOMERO, ?/1961, Livro III, p. 64

<sup>25</sup> Op.Cit., Livro VI, p. 121

<sup>26</sup> Op.Cit., Livro XIV, p. 251

<sup>27</sup> Personagem da Odisséia, filho de Ulisses e Penélope.

nos a vislumbrar de que forma uma princesa da Idade do Bronze Recente como Helena teria passado os anos de sua juventude.

No final do século XIX, o arqueólogo amador Heinrich Schliemann<sup>28</sup> apaixonado pela poesia homérica e determinado a encontrar os locais descritos nas epopéias, revelando os vestígios remanescentes de cidades como Tróia, Tirinto, Pilos e obviamente – Micenas

Fortalezas são construídas, tumbas reais são cavadas - as que Schliemann descobriu -, aparece uma variedade de objetos de arte: afrescos, cerâmica, objetos de bronze e ouro. Trata-se de uma civilização militar que contrasta com Creta [...] Por volta de 1300 aparecem às tumbas reais monumentais, em forma de colméia, como por exemplo, o “Tesouro de Atreu” em Micenas [...] (VIDAL-NAQUET, 2002, p. 26)

As riquezas encontradas por Schliemann e seus sucessores na cidadela de Micenas comprovam claramente que embora Homero tivesse composto seus versos no século VIII a.C.<sup>29</sup>, esse era realmente o mundo que o poeta glorificava em sua poesia: uma sociedade beligerante, opulenta e materialista

Podemos, portanto imaginar Helena quando jovem, começando o dia sendo ataviada com os tesouros e quinquilharias que a distinguiam como princesa. [...] Os colares usados pelas jovens nobres [...] são ainda surpreendentes: objetos coloridos e bem-feitos, de ágata, pedra-sabão, coralina vermelha e ametista. Alguns têm pulseiras combinando [...] Também sobreviveram jóias de ouro: diademas, cintos, uma corrente de rosetas separadas por delicados triângulos. (HUGHES, 2009, p. 88)

Uma jovem fulgurante como Helena deveria ter sido provavelmente trataria de aumentar esse brilho todos os dias, desde a tenra idade para ressaltar como era importante, valiosa e desejável. Todavia sua prematura beleza não atraiu apenas benefícios, mas também cobiçosos olhares masculinos: ainda criança Helena teria sido raptada e violada por Teseu<sup>30</sup> quando vislumbrou-a exercitando-se e dançando nua com outras jovens virgens as margens do rio Eurotas, nas proximidades do santuário de Ártemis Órtia<sup>31</sup>

Raptada por Teseu, rei de Atenas, sem ritos matrimoniais, foi resgatada pelos irmãos, os Dióscuros, quando ainda era muito jovem. Segundo Pausânias, a união teria inclusive gerado um fruto, uma menina que Helena teria entregue a Clitemnestra, a irmã mais velha criar, Ifigênia. As versões comumente omitem esse ponto [...] Levando a irmã de volta a Esparta, tomaram a própria mãe de Teseu, que guardava a princesa em sua ausência em Afidna. (NÓBILOS, 2006, 212)

<sup>28</sup> Heinrich Schliemann (1822-1890) para maiores informações sobre as escavações do alemão, ver SCHILIMANN, Heinrich. “Ítaca, o Peloponeso e Tróia: pesquisas arqueológicas”.

<sup>29</sup> É provável que a *Ilíada* tenha tomado a forma que nos conhecemos hoje, no século VIII a.C., mais provavelmente na segunda do que na primeira metade do século, pelo menos na sua linha geral senão nos detalhes. A *Odisseia* e os poemas de Hesíodo teriam aparecido uma ou duas gerações mais tarde. (FINLEY, s/d, p. 39)

<sup>30</sup> Segundo Brandão (1986, p. 62) era filho de Egeu, rei de Atenas, e derrotou o Minotauro.

<sup>31</sup> Conforme Hughes (2009, p. 96) era uma deusa híbrida, uma mistura de Ártemis, a virgem caçadora e protetora das mães e filhos e Órtia, uma deusa dórica ligada à juventude, ritos de fertilidade e a aurora.

A violação de mulheres de outro grupo social era um ato de desafio que exigia retaliação, e o estupro de uma jovem aristocrática - como Helena teria sido - constituía uma tríplice ofensa: incursão em território alheio, profanação de um ritual (a dança de apresentação de jovens virgens em um lugar sagrado), e naturalmente o ataque contra uma menina púbere e de sangue real, imensamente valiosa para sua comunidade

[...] uma série de túmulos da Idade do Bronze tardia. Dentro deles havia 29 esqueletos que datavam do século XIV a.C.[...] O exame odontológico revelou problemas de estresse nos dentes das jovens entre 11 e 12 anos de idade – indicador conhecido da chegada a puberdade. Se aos 12 anos as meninas da Idade do Bronze já estavam prontas para tornarem-se parceiras sexuais, é quase certo que com essa idade uma aristocrata de Micenas como Helena teria sido, logo seria colocada no mercado matrimonial. (HUGHES, 2009, P. 113)

Mesmo em face de uma defloração sofrida, Helena era uma princesa e quem dela desposasse receberia o rico reino de Esparta e uma mulher agraciada com uma beleza incomparável. Muitos pretendentes teriam rumado para Esparta a fim de disputar a mão de Helena, e segundo a tradição teriam comparecido entre 29 e 99 homens<sup>32</sup>. Novamente é através de Eurípedes que obtemos mais informações sobre as bodas de Helena: segundo o trágico, o rei Tíndaro teria oferecido a Helena à escolha do futuro marido

Tíndaro disse a sua filha que deixasse os ventos da doce Afrodite soprarem por onde fosse, e que, dentre os pretendentes, apontasse o marido que escolhesse. Ela escolheu Menelau – e maldito seja o dia em que ele obteve o seu desejo. (EURIPEDES, 1993, p. 45)

O fato de Helena haver escolhido seu marido contrariava o costume da época, que conferiam ao pai e não a filha o poder e a responsabilidade de escolher o futuro genro. As preferências femininas não deviam ser manifestadas, afinal o casamento era mais parecido com um acordo comercial ou mesmo um acordo político

A tradição exigia que o pretendente oferecesse determinados presentes, os *hedna*, ao pai da mulher que almejava possuir. Entre os diversos pretendentes era normalmente àquele cujos *hednas* fossem mais valiosos que o pai costumava entregar a filha. [...] Na verdade, o pretendente não comprava uma esposa, buscavam antes estabelecer uma aliança com um homem poderoso, pelo que os *hedna* se incluíam na prática de troca de oferendas. (MOSSÉ, s/d p. 61).

Nenhum pai cogitaria a idéia de conhecer, respeitar e eventualmente atender aos desejos de uma filha. Se Tíndaro acatou desejos e as preferências pessoais de Helena, abriu uma exceção para uma mulher que ele sabia ou suspeitava ser também de exceção? Não satisfeito em conceder a jovem filha uma escolha tão importante, Tíndaro ainda queria assegurar-se de que a escolha da filha fosse respeitada pelos demais pretendentes, que teriam de jurar eterna aliança aquele que tivesse êxito<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> (HUGHES, 2009, p. 126)

<sup>33</sup> (Op.Cit., 2009, p.130)

Casada com Menelau, Helena torna-se a rainha de Esparta e dá a luz a uma única filha, Hermíone rival da loura Vênus<sup>34</sup>. Conforme Hughes (2009, p. 153) a mulher era considerada uma verdadeira *gine* ou esposa, somente após a primeira *loquia* (menstruação normal) em seguida dão primeiro parto, e Helena mostrara-se fértil ao conseguir conceber uma herdeira para a cidadela espartana.

Com a maternidade Helena que já era uma rainha, torna-se oficialmente uma mulher, condição que nas sociedades do Bronze Recente, ainda outorgava-lhe um papel relevante. Conforme Bachofen (in Georgoudi, 1991, p. 571) as origens da humanidade são colocadas sob o signo e a supremacia de uma única força: a Mulher, ou antes, o corpo materno que gera, imitando a ação da Mãe original, a Terra.

Acreditamos que seja inequívoco supor que Helena, enquanto nobre micenense pudesse ter sido uma alta sacerdotisa uma vez que em sociedades cronologicamente paralelas (hititas, egípcios e babilônicos) as mulheres mais nobres tinham incumbências religiosas importantes (HUGHES, 2009, p. 163). Na *Ilíada*, testemunhamos quando a deusa Afrodite aparece e interage com Helena: a deusa havia livrado Páris da morte durante um combate contra Menelau e instrui a rainha de Esparta para que reconforte-o em seu leito

Assim disfarçada, disse-lhe Afrodite: “Vem, ordena-te Alexandre que volte para casa; lá está ele, no quarto, deitado na cama bem torneada, onde brilham tanto sua beleza quanto suas galas; e não dirias que acaba de lutar contra um guerreiro, senão que vai dançar, ou que, findo o baile está descansando.” (HOMERO, ?/1961, LIVRO III, p. 71 ).

Helena rebela-se contra os desígnios da deusa e falando-lhe como igual, recusa-se a compartilhar do leito de Páris, e Afrodite tem de recorrer às ameaças e violências verbais para fazer com que a rainha obedeça-lhe. Na *Odisséia*, igualmente testemunhamos Helena interpretando um prodígio: quando Menelau e sua esposa despedem-se de Telêmaco, uma águia cruza o céu carregando um ganso doméstico retirado de um quintal; enquanto seu marido observa perplexo, ela toma a palavra

Considerava o Atrida na resposta, e o precede a mulher de peplo ornada: “A solução do agouro o Céu me inspira. A águia, ao baixar da brenha onde há seu ninho, o ganso arrebatou nutrido em casa: tornando Ulisses de aflições e erros, ultrajes punirá; se é que não veio, e, plantada a vingança, o fruto espera.”(HOMERO, ?/2009, LIVRO XV, p. 165)

Se por um lado, no mundo social é a lei masculina que vigora e limita a ação feminina, inversamente na dimensão do religioso sua presença não pode ser ignorada por completo: o universo do sagrado exige sua presença, por quanto só elas possuem certas chaves que comandam a renovação e perpetuação da vida

Os deuses falam as mulheres e contam com o seu serviço. Haverá portanto que entreabrir-lhes a porta, para que cumpram os rituais que os exigem, sob a suprema vigilância dos homens, que espreitam à porta dos santuários por

---

<sup>34</sup> (HOMERO, ?/2009, Livro IV, p. 43)

não poderem penetrar no seu interior. A história de Bato, rei de Cirene, que quis forçar o segredo dos mistérios de Demeter Tesmófora e pagou essa transgressão com a sua virilidade [...] (ZAIDMAM, 1990, p. 462)

Para os homens e mulheres do Bronze Recente, ocasionalmente os espíritos invisíveis poderiam habitar um corpo humano, transmitindo-lhe seu poder, e aqueles que fossem assim honrados era considerados acima dos demais. Aceitamos que tal crença igualmente poderia explicar melhor as credenciais de Helena: uma alta sacerdotisa que, durante cerimônias religiosas importantes era considerada possuída e que desfrutava de canais de comunicação privilegiados com o mundo dos espíritos (HUGHES, 2009, p. 167).

## 2.2. La belle Hélène<sup>35</sup>: A grega infiel<sup>36</sup>

Sabemos que a própria narrativa de Helena inicia-se em um concurso de beleza, o "Julgamento de Páris"<sup>37</sup>, resultado de uma disputa que começara na ocasião das bodas de Peleu<sup>38</sup> e Tétis<sup>39</sup>, acontecimento para o qual todas as divindades foram convidadas a comparecer, porém Éris, a deusa da Discórdia não fora convidada. Ofendida, a deusa comparece portando uma maçã de ouro lançando-a entre os hóspedes, na mesa do banquete nupcial da nereida e do herói, com este dístico: "a mais bela!" (SCHWAB, s/d, p. 09).

As três deusas mais poderosas do Monte Olimpo, Hera (irmã e esposa de Zeus), Palas Atená (deusa da sabedoria) e Afrodite (a deusa do Amor) disputam a posse da maçã, e Zeus – através de Hermes, o deus mensageiro, delega a Páris um jovem pastor<sup>40</sup> a missão de julgar a divina contenda

Pois bem, foi a este Páris, quando ainda era pastor no Monte Ida, que Zeus enviou Hermes com as três deusas que disputavam, com sua beleza, a maçã de ouro, a grande provocação de Éris, a Discórdia. Ao ver as divindades, o pastor teve medo e quis fugir, mas Hermes o persuadiu a funcionar como árbitro, em nome da vontade de Zeus. (BRANDÃO, 1986, p. 108)

As três deusas tentaram influenciar o jovem ingênuo com dádivas mundanas: Hera oferece-lhe o mais belo reino da terra, Palas Atená a mais alta fama da sabedoria e da virtude humana, e Afrodite, a mais formosa mulher da terra e dessa forma, ficou com a maçã de ouro. Com este julgamento Páris ganhou duas inimigas divinas<sup>41</sup>.

<sup>35</sup>Segundo Hughes (2009, p.467) é o título da opereta de Offenbach estreada em 17 de dezembro de 1864.

<sup>36</sup>Eurípedes, 1973, p. 20

<sup>37</sup>Há uma alusão ao caso na *Ilíada*, Livro, p. 428, porém consideramos Eurípedes (2009, p. 15) mais elucidativo.

<sup>38</sup>Conforme Brandão (1987, p. 64 e 86), rei da Ftíótida e irmão de Télamon.

<sup>39</sup>Tétis era a mais bela das Nereidas, filha do Velho do Mar, Nereu e de Doris. (BRANDÃO, 1986, p. 106)

<sup>40</sup>Páris desconhece sua origem: é filho do rei de Tróia, Príamo e sua rainha Hécuba. Conforme Schwab (s/d, p. 07) antes de seu nascimento, a rainha sonhou que dava a luz a um facho ardente que incendiava Tróia. Príamo entregou o bebê ao servo Agelaos para que o abandonasse no Monte Ida, mas ele acaba por criá-lo.

<sup>41</sup>Na *Ilíada* (Livro XXIV, p.428) Homero faz referência ao rancor que Hera e Palas Atená ainda nutrem pelo jovem príncipe troiano.

Após o encontro com as deusas, Páris vai até Tróia destaca-se nos jogos fúnebres que estão sendo realizados, vence seus irmãos e acaba sendo reconhecido por sua irmã Cassandra, que possuía o dom da profecia (SCHWAB, s/d, p.10). Príamo e Hécuba receberam o filho com alegria, esquecidos da terrível profecia.

Existem varias versões sobre a maneira pela qual Páris chegou ao palácio de Menelau em Esparta, muitas delas exageradamente fantasiosas, outras incrivelmente fastiosas, como a de Apolodoro (MELLO 2001, p.200). A versão mais antiga conta que

Príamo demonstrasse a saudade da irmã distante, estando presente a reunião seu filho Páris, declarou este que, se o quisessem mandar a Grécia com uma frota, esperava ele, com auxilio dos deuses, poder arrancar a força, as mãos do inimigo, a irmã de seu pai e tornar a casa paterna coroado pela vitória e pela fama. Fundava sua esperança no favor da deusa Afrodite [...] (SCHWAB,s/d, p. 11)

Conforme ainda ensina Schwab (s/d, p. 13) Páris teria chegado a partido de Tróia em direção a Esparta na companhia de um poderoso exercito formado por aliados dos troianos, e de irmãos como Deíphobo, e nobres como Enéias<sup>42</sup>. Menelau recebeu festivamente a comitiva troiana, observando os costumes da sociedade grega da época

[...] Páris foi recebido em Esparta como *xenos*. Essa palavra grega é importante, porém equivocada, e pode ser traduzida como estrangeiro, hóspede ou amigo. O conceito de *xenos* era fundamentalmente importante na sociedade grega. Seu derivado *xênia* denota um entendimento que unia vizinhos e viajantes, hóspede e anfitrião. A *xênia* era um código de conduta, uma convenção não escrita que atravessava as fronteiras dos Estados e ligava as comunidades do Mediterrâneo oriental. (HUGHES, 2009, p. 188)

Mas um trágico incidente mudaria as relações entre hospedeiros e hóspedes: o falecimento do avô de Menelau, Catreu, rei de Creta. O rei de Esparta parte para prestar as últimas homenagens ao avô, deixando a Helena os deveres de cortesia com Páris e sua comitiva

Tudo teria ocorrido bem se Menelau, zeloso neto, não tivesse permanecido por mais algumas noites com uma concubina cretense após o enterro de seu avô Catreu. Mas ele se demorou, e, no calor daquela noite mediterrânea, não foi a sombra de Menelau, mas a de Páris, a que surgiu no limiar dos aposentos de Helena. (HUGHES,2009, p.200)

Segundo Schwab (s/d, p. 16), Páris com sua arte de vibrar cordas e com a sedução de suas frases, atçou as chamas vivas do amor no incauto coração da rainha. Inflamada por Afrodite e abrasada por Eros, Helena abandona seu lar, posição e até mesmo a pequena Hermíone, para fugir com Páris, carregando jóias e tesouros para celebrar com ele um segundo matrimônio

A cólera de rígidos desígnios mandou a Tróia bodas ltuosas, cobrando o grande Zeus hospitaleiro na hora certa o preço da desonra daqueles que, com voz harmoniosa, cantavam hinos de louvor da noiva e seus parentes no himeneu solene. A célebre cidade do rei Príamo inteira conheceu um

---

<sup>42</sup>Conforme a *Ilíada* (Livro, II, p. 99) Enéias é filho da deusa Afrodite e mortal Anquises.

canto lúgubre que agora entoa em soluçada voz entrecortada de lamentações; maldizem Páris, o funesto noivo [...] (ÉSQUILO, 1988, p. 27-28)

Mas as novas núpcias de Helena não seria consideradas legítimas fora dos muros de Tróia, afinal ainda estava casada com Menelau, união que fora celebrada de maneira apropriada, conforme já dissemos. Helena só poderia tornar a contrair matrimônio na condição de viúva e se um pretendente desejasse desposá-la, deveria tratar com seu pai ou com um filho em idade para receber a herança paterna

A viúva que tem um filho deixa a casa do esposo com riquezas jacentes; a viúva que não tem filhos permanece na casa do esposo, imobilizada sobre as riquezas (casa/terra) situadas fora da esfera da aquisição e ligadas à filiação. O casamento de nora coloca, portanto a esposa em posição de filha do seu marido. O filho da viúva dá a mãe em casamento juntamente com dádivas resplandecentes. O casamento de nora coloca, portanto a mãe em posição de irmã consanguínea do filho. (LEDUC, 1991, p. 292. GRIFOS DA AUTORA)

Segundo a autora, a estrutura desse processo matrimonial é oblíqua: a esposa viúva, ainda estava ligada a família do marido na condição de nora, e nunca ascendia a “maioridade” permanecendo na condição de tutelada, fosse pelos filhos ou por parentes de seu marido. Mas Helena rompe com o paradigma estabelecido ao renunciar seu marido legítimo e contrair núpcias com o amante eleito por seu coração.

Conforme afirma Brandão (1986, p. 108), assim que regressou para Tróia, Páris foi bem acolhido por Príamo e toda a casa real, não obstante as terríveis profecias de sua irmã Cassandra. Menelau com auxílio do irmão Agamêmnon, ainda tentou usar a via diplomática para recuperar a esposa, enviando uma comitiva diplomática para Tróia (SCHWAB,s/d/,p.24).

Mas a audiência com Príamo e seus troianos não será frutífera para a expedição diplomática grega, que buscava restituir a honra de Menelau através da devolução de Helena e seus tesouros

Páris se recusou a devolver tanto Helena quanto os tesouros e ainda tentou convencer os troianos a matarem o rei de Esparta, que foi salvo por Antenor, companheiro e prudente conselheiro do velho Príamo. Com a recusa de Páris e sua traição a Menelau, a guerra se tornou inevitável. (BRANDÃO, 1986, p. 109)

Em toda a *Ilíada*, testemunhamos uma Helena arrependida e ciente de seus erros: haver seguido Páris e deixado para trás seu lar, família, filha e amigas<sup>43</sup> não obstante seja tratada com gentileza por Príamo e Heitor<sup>44</sup>. Isso sinalizaria uma consciência de seu deliberado adultério?

---

<sup>43</sup>(HOMERO, ?/1961, Livro III, p. 66)

<sup>44</sup>Príamo trata-a por “querida filha” (Op. Cit.,?/1961 Livro III, 65) e Heitor dignifica a amizade entre ambos (Op. Cit., ?/1961, Livro VI, p. 120).

Helena não é, nesta questão, uma vítima inocente, uma cativa levada à força por Páris-Alexandre, mas uma adúltera, no mais completo sentido. [...] De regresso a Esparta, ela ali acabou seus dias, distribuindo as drogas mágicas que obtinha do Egito, interpretando os presságios e participando da vida do palácio [...] (FINLEY, xxx, p.198)

Gregos e troianos batem-se violentamente durante dez anos diante das muralhas de Tróia por Helena, uma rainha, uma mulher de aparência divina que voltou às costas ao seu país e conterrâneos preferindo ser troiana<sup>45</sup>. Através da obra *As Troianas* de Eurípedes, conhecemos o destino das sobreviventes da guerra, das mulheres de Tróia e os excessos cometidos pelos gregos vitoriosos. E igualmente tomamos conhecimento do destino de Helena

O navio de Menelau faz-se ao largo, Helena reinará a bordo, seremos espancadas, violadas, escravizadas, mas ela, à virtuosa dama, à casta esposa de Menelau levam-lhe os seus cofres donde tira espelhos de ouro, para se olhar, feliz, sempre maravilhada com sua beleza.(EURIPEDES, 1967, p. 95)

Os destinos de Helena variam de acordo com o autor: Homero faz-a regressar para Esparta<sup>46</sup> retomando sua vida ao lado do marido e da filha, Eurípedes<sup>47</sup> também a imagina um final semelhante para a rainha espartana, não obstante promova seu assassinato pelas mãos do seu sobrinho Orestes, e Ovídio<sup>48</sup> imagina-a apanhada pelo tempo, envelhecida. Mas seja qual for o destino que escolhermos para Helena - vida, felicidade, punição ou morte, sua beleza permanecerá infinita e sua lembrança, atemporal.

### 3. Conclusão

Helena entra para a História como um símbolo de beleza e também como uma advertência sobre as terríveis conseqüências que a beleza é capaz de trazer - pelos seus belos olhos de morte, os homens não acabaram ainda de se matar nem ainda as cidades de arder (SARTRE, 1973, p. 76).

Michelle Perrot (1995, p.13) afirma que até o século XIX a presença das mulheres no relato histórico foi exígua, exceto aquelas aparecem por sua beleza, virtude ou heroísmo, ou pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas ou nocivas - e Helena participa do mesmo, tanto por sua beleza como por suas ações nocivas.

Entre todas as imagens produzidas de Helena, alguma poderia revelar quem ela realmente poderia ter sido, ou apenas como os homens queriam que ela fosse? Poderia a mulher da poesia, ter sido inspirada em uma mulher histórica?

---

<sup>45</sup> (SARTRE, 1973, p. 73)

<sup>46</sup> Ver *Odisséia*.

<sup>47</sup> Ver *As Troianas, Helena e Orestes*, respectivamente.

<sup>48</sup> Ver *Metamorfoses* de Ovídio.

Como Hughes, acreditamos que a rainha Helena de Tróia fosse muito mais do que uma mulher com aparência deslumbrante e uma provável ascendência divina: foi uma aristocrata habilidosa, uma sacerdotisa prestigiada pela própria deusa que servia, e considerada prostituta por ousar fazer uma escolha que contrariava o paradigma comportamental feminino estabelecido.

Ainda não podemos afirmar categoricamente que, de fato, Helena de Tróia tenha existido e que fosse dona de uma beleza semelhante a uma deusa, pela qual gregos e troianos lutaram encarniçadamente durante dez anos diante das muralhas de Tróia. Helena ainda pode desvanecer-se, tornar-se bruma e fazer intangível diante do relato histórico; não obstante foi criada a partir de elementos femininos concretos e presentes na sociedade retratada pelos poemas de Homero. Embora não possa ser encontrada, ela jamais desaparecerá: sua contraditória conduta e beleza imensurável eternizaram-na.

#### 4. Referências

- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega I. Petrópolis: Vozes, 1986.  
\_\_\_\_\_. Mitologia grega II. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BONNARD, Andre. Civilização grega: da Ilíada ao Partenon. Lisboa: Estúdios Cor
- CARTLEDGE, Paul (Org.). História ilustrada da Grécia antiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. IN: Annales, NOV-DEZ. 1989 N° 6, pp. 1505-1520.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no ocidente: a antiguidade. Porto: Afrontamento, 1990.
- ÉSQUILO. A Trilogia de Orestes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.
- EURÍPEDES. Andrômaca. Digitalizado por Oficina de Teatro. Texto Disponível em <[www.oficinadeteatro.com](http://www.oficinadeteatro.com)>.  
\_\_\_\_\_. Ifigênia em Áulis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993  
\_\_\_\_\_. Helena. Porto Alegre: Movimento, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.
- FINLEY M. I. Aspectos da Antiguidade: descobertas e controvérsias. Lisboa: Edições 70, 1968.  
\_\_\_\_\_. O mundo de Ulisses. Portugal: Presença, 199-.
- GEORGOUDI, Stella. "Bachofen, o matriarcado e a antiguidade: reflexões sobre a criação de um mito". IN: História das mulheres no ocidente: a antiguidade. Porto: Afrontamento, 1990.
- HOMERO, Ilíada. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.
- HOMERO, Ilíada. Trad. Manoel Odorico Mendes. Fontes digitais: Digitalização do Vol. XXI dos Clássicos, Jackson 1950, Edição de 1874, Typographia Guttemberg, Praça da Constituição n. 47. Exemplar da Harvard College Library digitalizado por Google disponível no Google Books, 2009.

- HOMERO, Odisséia. Trad. Manoel Odorico Mendes, Prefácio de Prof. Silveira Bueno, Fonte digital: Digitalização da 3ª edição, Biblioteca Clássica sob a direção de G. D. Leoni e Paulo R. Teixeira. São Paulo: Atena Editora, Versão para eBook: eBooksBrasi, 2009.
- HUGHES, Bettany. Helena de Tróia - Deusa, Princesa e Prostituta. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LEDUC, Claudine. “Como dá-la em casamento? A noiva no mundo grego (séculos IX-IV a.C)” In DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no ocidente: a antiguidade. Porto: Afrontamento, 1990
- SOUZA, Claudio Mello. Helena de Tróia: o papel da mulher na Grécia de Homero. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2001
- MOSSÉ, Claude. A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo. Lisboa: Edições 70, 1984.
- NÓBILOS, Paulina Terra. Eros e Bia entre Helena e Cassandra: Gênero, Sexualidade e Matrimônio no Imaginário Clássico Ateniense. In: LUME – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2006.
- OVÍDIO. Metamorfoses. São Paulo: Madras, 2003.
- PANTEL, Pauline Schmitt. “Introdução: Um fio de Ariadne” IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: Relato de uma experiência. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp). In: Cadernos Pagu (4) 1995: pp. 9-28.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e Representação das identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). IN: Revista Anos 90, Porto Alegre, nº4, 1995, pg.115-127.
- SARTRE, Jean Paul. As troianas: adaptado de Eurípidés. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.
- SCHWAB, Gustav. As mais belas histórias da antiguidade clássica: Segundo os seus poetas e narradores. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo
- VIDAL-NAQUET, Pierre. O Mundo de Homero. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ZAIDMAN, Louise Bruit, “As filhas de Pandora. Mulheres e rituais nas cidades” IN: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no ocidente: a antiguidade. Porto: Afrontamento, 1990.